

CMP 2.1.9.23

CONGRESSO EUCARISTICO

A Igreja e a Assistencia Social

(Para o "Correio Popular")

— Trabalho apresentado pelo sr. Celso Maria de Melo Pupo às Sessões de Estudos do I Congresso Eucarístico Provincial —

Primitivos ou adiantados os grupos sociais do género humano, desde eras afastadas que se contam pela incomensural distância do tempo, já vão chegando os estudiosos à conclusão de que sempre o grupo social assentou a sua estabilidade em regulamentação de costumes, de deveres e de assistência. Não há grupos sociais que não baseiem a sua instruturação em um código de moral tácito, sempre pela estabilidade, pela defesa e pela segurança do grupo, num amparo mútuo de assistência em todas as necessidades dos seus membros, levando-os a viverem todos por um. Não há escolha da oportunidade ou da natureza do auxílio; tudo o que um necessita, os outros farão por ele nivelando-o pela mediania do grupo social.

Está, pois, na concepção do Estado moderno, em nível de evidência, o organismo de ação e assistência social como órgão insubstituível de equilíbrio e de estabilidade das classes e dos indivíduos. Do "Estado gendarme" zelador apenas da ilimitada liberdade pessoal e esquecido do zelo pelo bem comum, evoluímos para o Estado moderno fruto da constatação de que a defesa exclusiva da liberdade pessoal trouxe a hipertrofiada influência individualista que sobrepõe o bem particular ao bem comum. Gozamos hoje de uma influência cada vez maior do espírito da democracia cristã do equilíbrio de direitos e deveres, quer pessoais quer coletivos, que situam o homem amparado numa coletividade solidária.

Ao Estado cumpre, pelo dever de assistência, "os maiores esforços afim de restringir a miséria das massas" supervisionando com interferências indiretas, orientando e amparando as obras particulares, evitando e curando os desajustamentos, assim como, também delimitando a assistência para que não se estenda em excessos que destruam no indivíduo o interesse pela própria subsistência e não lhe despertem o lesejo de uma subrogação integral dos cuidados de sua família e instituições de assistência, as-

soberbando as iniciativas particulares e sobrecarregando as organizações de benefício com encargos que as levarão ao fracasso, e sacrifício do bem comum. Cabe-lhe a defesa do fraco, a defesa do menor, restabelecendo pela legislação a igualdade civil, o direito à sustentação honrada de sua vida, a dependência à sacrifícios apenas humanos em esforços e trabalhos condizentes com a sua capacidade de sustentar-se "com o suor do seu rosto"; cabe-lhe o dever de fazer com (1) "que da mesma organização e do governo da sociedade brote espontaneamente e sem esforço a prosperidade, tanto pública como particular" pois não há nação verdadeiramente próspera com cidadãos decadentes e desajustados, miseráveis e enfermiços.

E' princípio assente que o serviço social cuida dos estudos do meio, dos trabalhos de prevenção, da colheita de indícios para a ação preventiva ou reparadora, como órgão essencial de conquista do bem comum que se alinha em preeminência como fim do Estado moderno e razão de sua soberania, exercendo a política social que hoje se define em forma ampla como (2) "esforços políticos" e "medidas que visam conservar a conexão interna e material da sociedade", e como "um sistema de pensamentos" "que não pode prescindir duma orientação proveniente de outras esferas como sejam a religião e a filosofia".

Do espírito de solidariedade e dos postulados do bem do próximo que o cristianismo firmou na civilização cristã, das mudanças no necessário ao indivíduo e com o industrialismo intenso, da condição a que se reduziu o assalariado como presa da ambição do lucro indefinido, como instrumento de produção na contingência dos salários exíguos e insuficientes, da sub-alimentação, da propagação das moléstias progredindo em razão do seu depauperamento, da insegurança dos seus empregos e ofícios, desumanizando o trabalho e transformando-o em maldição e castigo para os que carecem de fortu-

na, de todas estas consequências do liberalismo econômico e do Estado "guarda-noturno", emanou a necessidade imperiosa e incontestável de restabelecer a autoridade pública na função de promotor primeiro do bem geral. Nasceu o serviço social para dinamizar a solidariedade dos homens e, na assistência privada ou oficial, suprir a precariedade humana resolvendo os múltiplos problemas da vida material com interferência acatadora e defensora em bem dos que fraguejam pela moral, pela saúde, pela debilidade econômica e pelo desamparo. Inumeráveis os deveres de resguardo mútuo, a assistência social assegura o bem estar coletivo num esteio permanente do patrimônio moral e físico do complexo organismo de relações do indivíduo com a sociedade. (1) "Desgraçado do homem só, pois quando cair, não terá ninguém que o levante".

E' mesmo na colaboração que se desenvolvem a sociedade e o indivíduo; a ação social resguarda o vínculo familiar, previne seus desajustamentos, evita os desajustados individuais visando o bem mediato ou imediato do homem, enquanto a assistência social atua particularisadamente no indivíduo pelo amparo pronto e prático buscando nos casos pessoais a observação e o conhecimento dos males sociais que a ação social deve prevenir e curar. O serviço social modifica os indivíduos para que a ação social construa a sociedade melhorada: completam-se. A ação estudada e se aprofunda em todos os problemas do desequilíbrio da humanidade espalhando-se pelos seus efeitos e retornando às suas causas até a última; acompanha todas as mutações do problema

humano que se altera, que se transforma que se modela pelo progresso material do homem e pelas exigências da vida moderna.

.....
"Não constitui, como ao primeiro golpe de vista poderia parecer, obra de caridade ou esmola dádiosa, o esforço daqueles que se consagram à solução prática dos fenómenos sociais de desajustamento do indivíduo ou dos grupos humanos". "O conceito de filantropia, esmola, caridade — escreve Miguel Couto — desaparecera de há muito, para ser substituído pelo de vigoroso dever, da trivial obrigação, de todos para com todos". "E' para a satisfação de um dever e não para o cumprimento de um simples ato de caridade, que as generosas mãos humanas se devem estender na obra de cooperação social" (3). Com tais palavras o sociólogo patricio Aristides Ricardo, reproduz o fundamento agnóstico da ação e da assistência social, opinião que se vai espalhando esquecida dos postulados da religião de Cristo, a fonte singular da solidariedade humana, o alicerce da assistência mútua, a segurança da vida terrena estavel e da sociedade feliz.

Evidentemente a assistência social não é e não pode ser a esmola; não é e não pode ser a displicente distribuição dos excessos, o farisiaco dividir dos supérfluos, a liberalidade da abundância e a graça do fastígio. Ela é um dever de caridade instituído nos mandamentos divinos.

"A espiritualidade do homem é a base sobre a qual se estabeleceu com certeza a causalidade final e a causalidade eficiente do serviço social bem como os li-

mites do mesmo. Inteligente e livre, chamado a uma vida eterna, o homem é a razão de ser de toda a organização" (4). "O que nos faz homens e nos distingue essencialmente do animal é a razão ou a inteligência, e em virtude dessa prerrogativa deve reconhecer-se ao homem não só a facilidade geral de usar as coisas exteriores, mas ainda o direito estavel e perpétuo de as possuir". "Importa à salvação comum e particular que a ordem e a paz reinem por toda a parte, que toda economia da vida doméstica seja regulada segundo os mandamentos de Deus e os princípios da lei natural" (1), sentencia o Pontífice Leão XIII que nos resume em poucas palavras toda uma doutrina: "Quem quer que recebeu da divina Bondade maior abundância, quer de bens externos e do corpo, quer de bens da alma, recebeu-os com o fim de os fazer servir ao seu próprio aperfeiçoamento, e ao mesmo tempo, como ministro da Providência, ao alívio dos outros. E' por isso que quem tiver o talento da palavra, tome cuidado em se não calar; quem possuir uma superabundância de bens, não deixe a misericórdia intumescer-se no fundo do seu coração; quem tiver a arte de governar, aplique-se com cuidado a partilhar dela com seu irmão o exercício e os frutos" (1).

Nos preceitos divinos e nos postulados do cristianismo se fundam os movimentos de ação e de assistência social. "Desde que o homem existe, pediu a Religião um acréscimo de luz para resolver o problema do seu destino" (5); diz, num dos seus notáveis trabalhos, o Eminêntíssimo Cardeal Patriarca de Lisboa que ora nos visita. O homem transita pelo mundo em busca do eterno, e neste trânsito obscuro não pode prescindir da Igreja com o seu amparo moral da promessa de uma bem-aventurança futura; na Igreja tem de ir buscar o fundamento da proteção mútua imposta pela Igreja deste os exemplos de Cristo que curou paralíticos, mudos, surdos, cegos e leprosos.

Na fragil solidariedade humana, sem os princípios eternos, não estará o fundamento de uma assistência social; falível e imprecisa, a doutrina humana de solidarismo tem desaparecido ao sopro da liberdade pessoal e do interesse privado que a prática nestes últimos tempos nos apresenta como caminho certo de desagregação social ou de escravidão social ao Estado; o homem sem Deus perde o senso da liberdade dentro do seu dever para com o próximo e desarvora-se no oceano imenso da incerteza para cuidar avaramente só de si mesmo. Fora da doutrina da Igreja tudo é mensuravel e incapaz de satisfazer aos nossos legítimos anseios, "é a caça ao bem, a demanda do bem que leva o indivíduo a sair de si, a unir-se aos outros". (6)

Inscrito na Lei o amor ao próximo, distribuiu o Divino Mestre a generosidade dos seus milagres estravando na ordem material a sua obra espiritual, em benefício da felicidade terrena dos homens; até hoje ainda graças de bens materiais se revelam aos nossos olhos em abundância que só a bondade infinita pode distribuir. Tem a Igreja um relicário de bens materiais, distribuídos pela grandeza divina como graças de sua complacência através o sentimento de solidarieda-

de humana que ela estatue e premeia com farta messe de retribuição. A Igreja é detentora dos fundamentos da assistência social que ela tem sabido exercer desde os primeiros tempos de sua fundação. Nos tempos postólicos todos tinham um só coração e uma só alma. "Durante toda a era de perseguições, as famílias se reuniam nas igrejas e nelas obtinham as suas refeições. Dir-se-ia que era uma só família, nivelada pelos mesmos princípios espirituais e até pelos mesmos bens materiais, a estes se ligando importância secundária. Foi desta comunhão que nasceu a idéia de se manter a si próprio e ao mesmo tempo de contribuir para a manutenção do próximo". (3)

Com a oficialização e enriquecimento da Igreja, criaram-se instituições com caráter assistencial considerando-se "velhos e viúvas, doentes e pobres, aleijados e orfãos" como pertencentes a comunidade e com direito a assistência e socorro mútuo que, paulatinamente, se foi estendendo a extranhos e indiferentes ao credo católico. Igrejas e mosteiros passaram a dispor de hospitais, hospitais e hospícios, amparando doentes, crianças e velhos, distribuindo esmolas sob sistematização iniciada pelos Bispos de Roma, que serviram, mais tarde, de roteiro para as ordens de cavalaria unindo na grandiosidade dos seus ideais a defesa da fé, o combate ao infiel e o amparo aos necessitados com os juramentos de castidade, obediência e pobreza. E a Igreja continuou, através os séculos, multiplicando o seu amparo material à humanidade em tão várias, em abundantes, em espalhadas obras, que seria aqui impossível enumerá-las; todas, entretanto, fruto da verdadeira caridade.

de humana que ela estatue e premeia com farta messe de retribuição. A Igreja é detentora dos fundamentos da assistência social que ela tem sabido exercer desde os primeiros tempos de sua fundação.

Nos tempos postólicos todos tinham um só coração e uma só alma. "Durante toda a era de perseguições, as famílias se reuniam nas igrejas e nelas obtinham as suas refeições. Dir-se-ia que era uma só família, nivelada pelos mesmos princípios espirituais e até pelos mesmos bens materiais, a estes se ligando importância secundária. Foi desta comunhão que nasceu a idéia de se manter a si próprio e ao mesmo tempo de contribuir para a manutenção do próximo". (3)

Com a oficialização e enriquecimento da Igreja, criaram-se instituições com caráter assistencial considerando-se "velhos e viúvas, doentes e pobres, aleijados e orfãos" como pertencentes a comunidade e com direito a assistência e socorro mútuo que, paulatinamente, se foi estendendo a extranhos e indiferentes ao credo católico. Igrejas e mosteiros passaram a dispor de hospitais, hospitais e hospícios, amparando doentes, crianças e velhos, distribuindo esmolas sob sistematização iniciada pelos Bispos de Roma, que serviram, mais tarde, de roteiro para as ordens de cavalaria unindo na grandiosidade dos seus ideais a defesa da fé, o combate ao infiel e o amparo aos necessitados com os juramentos de castidade, obediência e pobreza. E a Igreja continuou, através os séculos, multiplicando o seu amparo material à humanidade em tão várias, em abundantes, em espalhadas obras, que seria aqui impossível enumerá-las; todas, entretanto, fruto da verdadeira caridade.

Mas a caridade proclamada pela Igreja é a principal virtude teologal; é o amor a Deus e aos homens, é o perfume dos atos desinteressados, é a docura do bem distribuído e a humildade da dádiva generosa; é o consolo de uma irmanação de sentimentos, unindo corações e misturando lágrimas de quem sofre e de

quem vê sofrer, de quem padece e de quem mitiga a dor. Caridade é o medico que medica o seu doente, alivia-lhe a dor física mas, concede-lhe mais, encoraja-o, anima-o, ampara-o com o interesse de amigo, com as aparências de um esforço mais que humano pelo seu alívio e pela sua cura; é o consolo desinteressado e o abraço amigo; é o serviço de boa vontade, é a universalidade do bem servir e do bem querer aos nossos semelhantes.

Porisso já dizia São Paulo aos coríntios: "A caridade é paciente, a caridade é benigna; a caridade não é ciumenta, não é ambiciosa; não é orgulhosa, não é enfatuada, não é interesseira, não se irrita, não guarda rancor; não folga com a injustiça mas alegra-se com a verdade, tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre — a caridade jamais acaba".

Só assim viveremos as palavras de Cristo: "si vos amardes uns aos outros", "conhecerá o mundo que sois meus discípulos".

- (1) — S.S. Leão XIII — Rerum Novarum.
- (2) — H. Franke — Serviço Social.
- (3) — Aristides Ricardo — Ensaios de Sociologia Aplicada.
- (4) — Marie Louise Gillard — Serviço Social.
- (5) — Cardeal Cerejeira — A Igreja e o Pensamento Contemporâneo.
- (6) — Padre Sabóia de Medeiros — (citando Santo Tomaz).

Correio Popular 10-9-1947